

20 NOV 1995

FHC

**COISAS DA POLÍTICA**

■ ROSÂNGELA BITTAR

**FH entre os sábios e a dura realidade**

Foi infernal a semana do presidente Fernando Henrique Cardoso. A demissão do embaixador Júlio César Gomes dos Santos, amigo recente mas íntimo, que já havia se transformado em sua sombra doméstica, parceiro nas pequenas transgressões ao protocolo — ora era o companheiro de jantares em restaurante, ora o condutor do carro que o presidente preferia usar em lugar do oficial —, arrasou-lhe a alma.

Tanto que o fez cometer uma imprudência: manter a indicação de Júlio César para o posto de embaixador do Brasil no México. Manteve porque considerou apenas uma imprudência, como disse o porta-voz, o que havia dito seu assessor nas conversas com empresários. Como o presidente conhece integralmente os diálogos gravados pela Polícia Federal, inclusive a referência do embaixador à divisão entre empreiteiras de uma dinheirama do México que ele acha fichinha, US\$ 250 milhões, pode-se imaginar que deixou pra lá a história da indicação do representante do governo brasileiro para reduzir, por enquanto, a carga do impacto. As informações indicam que o presidente espera que o embaixador renuncie a este projeto.

No rastro da mesma crise, enfrentou sua primeira troca de ministro, com o também induzido pedido de demissão do ministro da Aeronáutica, Mauro Gandra. Para quem não queria fazer agora reforma ministerial, a queda de um ministro aos onze meses de governo, ainda mais militar, cuja substituição sequer entra no jogo político em que essas trocas podem render uma boa rearrumação, não chega a somar, mas dá a confortável sensação de firmeza e aguçado instinto de preservação.

O grampo revela as citações a dois outros amigos, José Serra e Ronaldo Sardemberg, ambos em fim de viagem ao exterior. Pela ausência, embora não fiquem comprometidos como os outros nas gravações, deixam o presidente amargando o pântano das insinuações.

Como se isso não bastasse, foi a semana da derrocada do Banco Nacional e da primeira aplicação concreta do programa de saneamento do sistema financeiro. Este, para o governo, tem carimbo de salvação ou, pelo menos, de torniquete a evitar a contaminação fatal do plano de estabilização. Aquele, o Nacional, além das relações históricas com os intelectuais e a cultura, o que já é suficiente para comover alguém ligado à área, passou a ter com o presidente uma referência pessoal, depois do casamento de seu filho Paulo Henrique com Ana Lúcia Catão de Magalhães Pinto.

Um dos traços da personalidade de Fernando Henrique é não se deixar abater pelo revés. Escolado pelo desgaste da demora em demitir dois outros colaboradores de seu governo acusados de tráfico de influência, José Milton Dallari e Henrique Hargreaves, corrigiu o erro e, desta vez, tomou providências fulminantes. Não deixou de demonstrar que estava arrasado pela descoberta de que a corrupção pode existir, sem controle, na sala ao lado da sua, mas tocou o governo, inclusive com sabatina à equipe econômica em pleno feriado de 15 de novembro.

**Um dos traços da personalidade de Fernando Henrique é não se deixar abater pelo revés**

É surpreendente que, enquanto o país assistia às cenas da chamada dura realidade e o circo já pegava fogo, Fernando Henrique tenha tido tranquilidade para dedicar duas longas horas a uma reunião em que nada se falou sobre emergência e rotina, mas sobre o futuro.

O presidente procurava um tipo de resposta para a crise brasileira além do horizonte do dia-a-dia. Era a primeira reunião, no Palácio da Alvorada, dos seus amigos e conselheiros do GAP, o grupo de assessoria e pesquisa criado por ele para oferecer análises sobre os principais problemas do Brasil, hoje e no futuro próximo.

Estavam à mesa os sociólogos Luciano Martins e José Pastore, o filósofo José Artur Gianotti, o empresário Gilberto Dupas e o almirante Mário César Flores, como integrantes do grupo que não pertencem ao governo. Do governo, os ministros Bresser Pereira e Israel Vargas, os secretários Ronaldo Sardemberg, de Assuntos Estratégicos, e José Roberto Mendonça de Barros, de Política Econômica, além do diretor-geral do Ipea, Fernando Resende.

A agenda, a relação dos presentes e o comportamento do presidente, no encontro, estão longe de traduzir alienação, apesar do caráter acadêmico da iniciativa. Fernando Henrique quer esses estudos para fazer políticas e, destas, partir para ações concretas. Cinco projetos foram definidos como prioritários para as pesquisas dos especialistas.

O primeiro, um mapeamento minucioso sobre os fluxos financeiros internacionais, o caminho do dinheiro no mundo de hoje. A evolução dos grupos econômicos, no Brasil, é o segundo projeto de pesquisa já definido. O terceiro é um estudo profundo sobre Mobilidade e Emprego. Outro, o Associativismo, que inclui questões intrincadas para o país, como o crescimento das organizações não governamentais e o esvaziamento dos sindicatos. O presidente mostrou aos especialistas que este estudo tem relevância não apenas para a definição de políticas específicas, mas também porque aí está um dos focos de tensão política. O quinto projeto é uma pesquisa abrangente sobre a folha de pagamento do governo.

Esse movimento binário entre a dura realidade e a visão do futuro, característica do homem de Estado moderno, é o que o presidente quer fazer, pelo que revelam seus atos. Resta saber se o desafio, ambicioso, pode ser vencido.